

# TRABALHANDO COM O AUTISTA NA ESCOLA

Diana Cristine Moraes<sup>1</sup>

## RESUMO

Atualmente, é comum crianças em idade escolar, quando apresentam algum comportamento que foge à regra daquele que é permitido, ser taxada de problemática, briguenta ou mal educada. Os pais se sentem culpados por não darem conta da educação do filho, alguns professores não sabem como ter manejo com a criança autista. As crianças que são acometidas deste transtorno possuem uma alteração neurológica no cérebro, mais especificamente no lobo frontal, o qual é responsável por funções executivas como controle de linguagem, planejamento, controle da emoção, capacidade de resolver problemas. O presente estudo sobre o autismo dentro de uma educação inclusiva se deu através de revisão bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Inclusão. Autismo

## ABSTRACT

Nowadays, it is common for school-age children, when they behave beyond the rule of what is allowed, to be called problematic, quarrelsome or rude. Parents feel guilty for not being aware of their child's education, some teachers do not know how to handle the autistic child. Children who have this disorder have a neurological disorder in the brain, more specifically in the frontal lobe, which is responsible for executive functions such as language control, planning, emotion control, problem solving ability. The present study on autism within an inclusive education took place through literature review.

**KEYWORDS:** Education. Inclusion. Autism.

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pós-Graduação em Autismo.

E-mail-[dianacmoraes@icloud.com](mailto:dianacmoraes@icloud.com)

## 1. Introdução

O estudo do comportamento hiperativo é pertinente na profissão de professor-educador; é comum hoje em dia haver alunos com estes casos. O que importa é que há sugestões e subsídios para que não seja um problema sem solução, mas um problema passível de mudanças e o que é melhor, é de fácil aplicação, os requisitos principais são persistência e tolerância. Persistência para não desistir nas primeiras vezes que a estratégia não ter efeito, é preciso tentar mais vezes, inúmeras, quantas forem necessárias; tolerância pois em nenhum momento do estudo estava afirmando que esta “batalha” seria fácil, pelo contrário, é cansativa, é difícil, a paciência seria muitas vezes posto em jogo.

Buscar uma qualidade na criança autista que a torne especial é bom para a autoestima dela.

Pais e professores devem ser modelos de resolução de problemas, por isso, mediar os conflitos da criança, treiná-la na técnica de resolver problemas e promover dinâmicas em grupo ou debates sobre situações conflituosas e problemas interpessoais oferecem resultados bastante satisfatórios não só para crianças portadoras do distúrbio, mas para crianças em geral, que terão oportunidade de falar e expor opiniões.

A criança com relações sociais problemáticas deve ser estimulada para que se comporte de maneira adequada nos ambientes sociais diversos: fazer pedidos, pedir ajuda, reconhecer dificuldades, admitir erros, saber demonstrar sentimentos de tédio, raiva, alegria, etc., são importantes para sua formação e também ajudam a aliviar este sintoma.

No capítulo um, conceituaremos autismo como doença de saúde mental reconhecida pela Organização Mundial de Saúde, adquirido geneticamente ou não, o que acontece no cérebro da criança que é acometida deste distúrbio e como os principais sintomas se manifestam nas crianças.

No capítulo dois, haverá uma explicitação do comportamento da criança na escola e na família, traçando um paralelo de suas atitudes nestas duas instituições as quais devem estar entrelaçadas na busca de melhoria na qualidade de vida da criança.

Desse modo, será possível compreender que as crianças que são acometidas deste transtorno possuem uma alteração neurológica no cérebro, mais especificamente no lobo frontal, o qual é responsável por funções executivas como controle de linguagem, planejamento, controle da emoção, capacidade de resolver problemas

## 2. O Autismo e suas características

Inicialmente, para compreendermos melhor as perspectivas educacionais e sociais do autista, se faz necessária a sua conceituação que para Cunha (2009), o autismo surge inicialmente para descrever uma fuga da realidade para aqueles pacientes que têm esquizofrenia. O autor ainda destaca a importância da análise em conjunto dos diferentes comportamentos no que diz respeito à comunicação, interação do indivíduo com o meio e a realização de atividades de forma restrita e repetida, além do isolamento do grupo onde está inserido.

Nas crianças autistas, é possível observar alterações no seu processo afetivo, onde nas interações com o meio, por exemplo, no brincar e no falar a criança apresenta dificuldade mostrando-se muitas vezes aos olhos dos outros como tímida ou arrogante. O seu comportamento acaba por interferir no seu desenvolvimento e prejudica as suas relações com o meio social.

Se faz importante compreendermos o déficit cognitivo que a criança apresenta, com dificuldades no processamento das informações e dessas sensações, que é prejudicado em virtude das habilidades de memória e de suas habilidades motoras. Essa criança possui dificuldades na percepção e na significação das situações, sem que haja a apresentação de respostas motoras as situações que são expostas, deste modo, o desenvolvimento não se mostra normal na área verbal e auditiva.

Desse modo, diante dessas dificuldades, Bosa e Callias (2010 p.10), apontam que são surpreendentes as respostas das crianças aos estímulos auditivos visto que o som é passivo e geralmente faz com que a criança se sinta estimulada.

Com relação às limitações são observadas com facilidade, no entanto, para os autores as crianças apresentam uma sensibilidade maior para outras áreas onde a audição se mostra mais aguçada com uma resposta muito rápida ao estímulo. Assim, a criança consegue ser atenta a tudo que lhe é pedido ou solicitado, sendo uma ferramenta a ser explorada no processo de compreensão e de superação dos limites em que a criança autista se encontra.

Nesse mesmo sentido, Laznik (2004) aponta que inúmeros problemas são enfrentados no tratamento do autismo, é um dos mais importantes diz respeito ao encaminhamento tardio do paciente, onde muitas vezes, esses sintomas são muito claros e devido à demora, acabam por dificultar a intervenção do profissional. Esse encaminhamento tardio muitas vezes, acontece tão somente na escola, quando o professor acaba por detectar a dificuldade, e nesses casos, o tratamento se torna ainda mais difícil. A autora salienta que a partir dos três anos de idade já é

possível observar claramente as características no período onde a criança já se mostra sensível às significações da realidade.

O quadro de autismo, portanto, é importante que o diagnóstico se dê cedo, para que o desenvolvimento e o acompanhamento sejam dados no tempo adequado, onde os estímulos na fase de aprendizagem podem ser maiores. Assim, o comportamento isolado do autista e a dificuldade de afetividade, além de atrasos na fala, são notados desde cedo, portanto, não é necessária que se tenha início a vida escolar para se dar início ao tratamento.

Para Laznik (2004), o autismo é caracterizado por desvios na comunicação e dificuldades na imaginação, além da falta de interação com o meio.

Para a Organização Mundial de Saúde apud Montoan(1997) temos o autismo definido como:

Um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de 5 casos em cada dez mil nascimentos caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos correlatos Isto é que necessitem do mesmo tipo de atendimento. (p. 13)

Fica clara a gravidade do distúrbio e incapacidades e vê-las acarretada na criança. Montoan (1997), ainda destaca que para os educadores, é um desafio trabalhar com o autismo, principalmente na parte de diagnóstico e avaliação do grau de comprometimento no processo de ensino-aprendizagem.

Antes de tudo há que se considerar a sua vida familiar e como o comportamento desta criança é notado nesse ambiente para que em conjunto com os especialistas, possam finalizar um diagnóstico e lidar de maneira adequada com a dificuldade considerando o seu grau de manifestação.

As diretrizes para orientar o trabalho e conjugar esforços na sociedade, para a inserção do autista os especialistas oferece orientações e cuidados necessários à pessoa com deficiência nesse sentido temos:

(...) Estabelece o cuidado às pessoas com deficiência temporária ou permanente; progressiva; regressiva ou estável; intermitente ou contínua. Serve de atenção para a reabilitação da pessoa com transtornos do espectro autismo foi uma ação conjunta de profissionais, pesquisadores e especialistas, com experiência reconhecida em diversas profissões da saúde e pertencentes a sociedades científicas e profissionais (...) Oferecer orientações às equipes multiprofissionais para o cuidado à saúde da pessoa com transtorno de espectro autismo e a sua família, nos diferentes pontos de atenção da rede de cuidados à pessoa com deficiência (BRASIL, 2013, p. 11)

O professor, portanto, diante da suspeita deve encaminhar o caso para uma avaliação clínica, no sentido de buscar um especialista para que através de um acompanhamento interdisciplinar seja capaz de reconhecer clinicamente a presença do transtorno. Essa equipe, portanto, deverá contar com psiquiatra neurologista, psicólogo e fonoaudiólogo onde cada profissional considerando suas especificidades observará o caso clinicamente. Diante da identificação do quadro de autismo, é possível que a equipe intervenha através da adoção de terapias adequadas com resultados significativos logo no início, numa fase onde o metabolismo da criança apresenta respostas positivas ao tratamento.

Para Brasil (2013), a identificação precoce de sinais faz com que a intervenção se dê de forma positiva e o resultado as terapias seja significativo, onde os procedimentos são eficazes em virtude da plasticidade que as crianças apresentam nesse período, e assim, o cérebro se amolda nesses primeiros anos de vida com a capacidade de estabelecer novas conexões neurais, modificando assim, a sua relação psicossocial em virtude da sensibilidade que a criança apresenta às intervenções.

O acompanhamento médico, com o parecer clínico pode-se dar a partir dos 3 anos de idade, com o diagnóstico do autismo, e assim, dar início ao tratamento. Como já dito, esse diagnóstico só é possível através de um trabalho multidisciplinar ou de toda uma equipe que vai trabalhar no sentido de coordenar um projeto terapêutico para cada caso, sempre com uma postura ética e humana, atendendo às necessidades e aos questionamentos da família.

Brasil (2013) ainda destaca que esta equipe multidisciplinar deve lidar com cuidado no posicionamento com os acompanhantes, orientando com relação às atividades que são desenvolvidas no projeto, bem como aquelas que devem ser realizadas em casa direcionando o tempo necessário para a família se adaptar a essa nova situação. Nesse sentido, o autismo se mostra, portanto, como um quadro clínico, onde as condições de vida são diferenciadas das até então experimentados pela família e, portanto, necessitam de cuidados e de uma rotina diferenciada

No que tange às características apresentadas pelo autista, estas se relacionam principalmente a dificuldade de convivência em grupo, além da facilidade com a qual a criança se dispersa apresentando, portanto, uma resistência à mudança na sua rotina.

Lampreia (2007), aponta que as características variam em cada caso onde há casos brandos e situações mais severas, Em virtude de tais oscilações, o tratamento deve ser adequado para proporcionar o desenvolvimento e o convívio de cada criança com o meio,

assim, se faz necessário o trabalho específico para cada dificuldade trazendo assim a possibilidade de um auxílio efetivo e estímulos direcionados a cada criança. O autismo é uma síndrome que nasce com uma criança, não é adquirida por conta do convívio ou de outras características decorrentes da afetividade do grupo.

O autismo acontece sem escolha. O autismo não tem cura, e em cada indivíduo tem suas especificidades que se alteram em virtude das diferentes experiências, sejam elas em casa ou na escola.

Os pais são especialistas no que diz respeito aos filhos. Ninguém conhece melhor seu filho do que você. Se suspeitar que haja algo errado, talvez tenha razão. Em geral, a dificuldade em entender qual é o problema, sua gravidade e com quem compartilha as preocupações. A princípio, muitos de nós discutimos essas sociedades com a família e amigos e depois consultamos um profissional da área da saúde (por exemplo médico ou outro profissional qualificado) se ainda estivermos preocupados. Na maioria das vezes, ficamos mais tranquilos e, rápida ou gradualmente, os comportamentos que nos preocupam desaparecem. Ocasionalmente, contudo, o comportamento da Criança e as preocupações dos Pais persistem. Se for esse o seu caso, é preciso consultar novamente o profissional de saúde (WILLIAMS, 2008, p. 3)

A partir dos 3 anos acaba ficando claro quando existe alguma coisa de diferente com a criança, em casos mais graves a criança passa a maior parte do tempo sem se relacionar com outras pessoas ou objetos. Muitas vezes a criança parece fascinada pelos brinquedos e objetos de sua casa, no entanto sutilmente é possível observar as dificuldades nos relacionamentos em grupo e nas brincadeiras.

Cada pai, portanto, cabe conhecer seu filho e estar preparado para as adaptações, a fim de que ajuste seu comportamento às diferentes situações cotidianas respondendo de forma adequada aos estímulos. No entanto, diante das alterações sociais o autismo para Alves, Lisboa e Lisboa (2010) pode ser caracterizado por:

- De percepção como, por exemplo, dificuldades para entender o que ouve;
- De desenvolvimento, principalmente nas esferas motoras, da linguagem e social;
- De relacionamento social, expresso principalmente através do Olhar, da ausência;
- Do Sorriso social, do movimento antecipatório e do contato físico;
- De fala e de linguagem que variam do mutismo total a inversão pronominal (utilização do você para referir-se a si próprio), repetição involuntária de palavras ou frases que ouviu (ecolalia);
- Movimento caracterizado por maneirismos e movimentos estereotipados.

Deste modo, qualquer alteração no comportamento da criança não deve ser desconsiderada, visto que o autismo pode se apresentar nos mais diferentes graus e nas mais diferentes situações .

A criança algumas vezes não se mostra muito afetiva, em outros se comporta diferentemente, e assim, aproxima-se dos outros e demonstra carinho afago, onde na verdade, essa postura é feita e independente do momento ou do lugar. Essa aproximação usual, é repetitiva e não mostra sociabilização, e sim, imitação. Deste modo qualquer diferença no comportamento quando comparada com ou dificuldade de interação é passível de diagnóstico, para que seja o mais breve possível descoberto o autismo para que o tratamento possa ser eficaz.

Se faz necessário que a escola se mostre inclusiva e com capacidade de adaptação aos diferentes alunos, onde cada um deve fazer parte da escola e ter um atendimento individualizado, objetivando a sua convivência social. Esse processo de integração possibilita a inserção do aluno em uma sala de aula onde se relaciona com os demais e participa das atividades. No entanto, não é necessário que escola mude a sua estrutura física, mas sim que os envolvidos no processo educacional tenham consciência da sua importância nesse processo de integração, onde atender o aluno com necessidade educacional especial exige uma melhoria das práticas educativas, tanto do aluno, do professor e da escola; ou seja, abrange todos para que efetivamente tenhamos uma educação de qualidade com uma adequação à proposta de trabalho e a capacitação dos profissionais num processo inclusivo na sociedade.

### **3. O desenvolvimento escolar**

Para que a criança em sala de aula evite se distrair, é correto que ela sente perto do professor, chamá-la pelo nome, dar-lhe pequenos toques nas costas para evitar a distração. Diminuir os estímulos irrelevantes na sala de aula, colocando-os fora do campo de visão da criança (às suas costas, por exemplo). Também é possível criar um cantinho sem estimulação ou permitir que a criança use fones de ouvido para não se distrair tão facilmente, mas esta atitude é especialmente para realizar lições.

Apresentar as informações de maneira explícita, marcar o tempo para realização de tarefas com objetos reais (cronômetros, relógios), pois ela não tem consciência de tempo, então, dar-lhes mais tempo para realizar tarefas é inútil, por isso, é bom que seja controlado pelo professor.

Distribuir tarefas em pequenos passos para que a criança possa obter breves aprendizados adequados à sua capacidade de atenção ajudam a criança pois as tarefas curtas permitem a criança que não fique cansada, não entre em monotonia e não se distraia. A criança deve ter intervalos de descanso para que possa planejar suas tarefas. Uma agenda de apoio é um ótimo elemento para a organização desta criança.

Vicari (2006) aconselha diretamente a criança a ser mais atenciosa:

[...] Primeiro, você deve fazer um grande esforço para se concentrar. E isso depende muito da sua força de vontade (...). Crie o hábito de ficar sempre atento ao que estão falando. Escolha uma pessoa para começar a desenvolver este hábito como por exemplo, seu professor. Depois que já conseguiu com ele, passe a treinar hábitos com pais, colegas e amigos. Procure imitar os colegas que prestam atenção. Fique atento aos detalhes do que está fazendo para evitar erros, esteja sempre em dia com as lições de casa, pergunte ao seu professor toda vez que não entendeu algo que ele explicou, faça anotações do que foi ensinado, perceba quando está se distraindo, faça um esforço e volte a ter atenção, (...) organize diariamente sua mala e agenda. Dessa forma, começará a desenvolver o hábito da organização com suas coisas. Fique atento também com o seu material e objetos para evitar perdas. (VICARI, 2006, p.52)

Professores devem ter em mente regras para que sejam cumpridas pela criança. Caso sejam transgredidas, recordá-las frequentemente, obrigá-las a repeti-las em voz alta as normas específicas para cada situação (hora do intervalo, da lição, etc.). As normas devem estar afixadas em locais visíveis da sala de aula.

De qualquer forma, é um dos distúrbios de comportamento mais frequentes na educação infantil e nas primeiras séries do ensino fundamental. Será na escola o lugar em que a criança terá, provavelmente, os maiores problemas por causa do distúrbio.

Os professores são, frequentemente, aqueles que mais facilmente percebem quando um aluno está tendo problemas de atenção, aprendizagem, comportamento ou emocionais/afetivos e sociais. Ao tomar conhecimento das dificuldades que ocorrem numa família com membros autistas, é provável que os professores comecem a entender a atitude dos pais, da mesma forma que os pais podem se sensibilizar com a situação dos professores se souberem das reais dificuldades que seus filhos encontram na escola. O objetivo deste panorama da situação é fazer com que ambos - pais e professores - compreendam que devem ser parceiros de uma mesma empreitada, e não rivais de uma disputa. Não cabe estabelecer de quem é a culpa do comportamento do aluno, pois o objetivo de todos é garantir um futuro de qualidade para essas crianças e jovens, e isso só é possível se houver estreita colaboração entre a família e a escola na construção do processo de socialização.

Pessoas com autismo apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que 19 apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, porém não fecham diagnóstico. (SILVA, 2012, p. 22)

Embora em casa a criança autista tenha um comportamento hostil, é na escola que a criança começa a aprender sobre o mundo e precisa interagir com os outros. Os problemas na escola são frequentemente, a queixa número um em consultórios de psicologia e psiquiatria feita por pais de crianças autistas e professores destas. Essas crianças vivenciam uma ampla gama de problemas comportamentais e emocionais na escola por falta de capacidade de não satisfazer as exigências na sala de aula. Esses problemas muitas vezes se desenvolvem em resposta aos fracassos frequentes e repetidos. Como resposta, algumas crianças se tornam deprimidas e retraídas, enquanto outras, agressivas e irritadas.

Por volta dos sete ou oito anos, as outras crianças tornam-se cada vez mais cientes das incapacidades da criança autista na sala de aula. Estudos com crianças norte-americanas, matriculadas nas escolas elementares (que correspondem ao primeiro ciclo do ensino fundamental no Brasil) frequentemente consideram que a criança autistas não é escolhida pelas outras crianças como a melhor amiga, vizinho de carteira ou parceira em atividades.

A criança autista tem um forte efeito sobre o comportamento do professor em relação à classe como um todo. Outro estudo com crianças norte-americanas mostra que as interações negativas globais entre professores e todas as crianças da classe eram maiores em classes com crianças autistas que tinham problemas significativos. Os professores das crianças autistas muitas vezes são mais objetivos e restritivos em suas interações não apenas com essas crianças, mas também com as outras crianças da classe. Além disso, a ocorrência de conflito entre as outras crianças da classe também parece ser maior quando não se lida com a criança autista de uma maneira eficiente.

Os comportamentos motores estereotipados e repetitivos, como pular, balançar o corpo e/ou as mãos, bater palmas, agitar ou torcer os dedos e fazer caretas, são sempre realizados da mesma maneira e alguns pais até relatam que observam algumas manias na criança que desenvolve tais comportamentos. [...] os comportamentos disruptivos cognitivos, tais como compulsões, rituais e rotinas, insistência, mesmice e interesses circunscritos que são caracterizados por uma aderência rígida a alguma regra ou necessidade de ter as coisas somente por tê-las. (SILVA, 2012, p. 39-40)

Como já se foi discutido, as crianças autistas muitas vezes são imaturas e incompetentes quando se trata de aptidões sociais. Suas deficiências em relação às aptidões sociais levam a um padrão de comportamento de alta incidência e baixo impacto; elas podem ser incompetentes em sua capacidade de entrar numa conversa em andamento, esperar sua vez e cooperar. Estes problemas não são muito terríveis, mas fazem com que a criança autista seja menos popular e não bem aceita. Algumas crianças autistas também exibem um padrão de comportamento agressivo. Estas atitudes devido ao distúrbio, logo fazem da criança autista uma rejeitada e antipatizada pelos outros.

Não se surpreende que as crianças autistas venham vivenciando crescentes problemas na escola nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Um bom desempenho escolar tem se tornado cada vez mais dependente da capacidade de uma criança de se concentrar durante longos períodos de tempo, de ficar sentada quieta, fazer lição na escola, em casa, trabalhos, etc.. As escolas atuais estão exigindo cada vez mais das crianças em idades cada vez menores.

Os pais de crianças autistas devem ser pacientes, persistentes e orgulhosos, pois, são eles que ajudarão, com instruções, sugestões e subsídios a lida dos professores com seus filhos.

Um pressuposto frequente nas políticas relativas à inclusão supõe um processo sustentado unicamente pelo professor, no qual o trabalho do mesmo é concebido como o responsável pelo seu sucesso ou fracasso. É claro que a aprendizagem dos alunos é uma das metas fundamentais, não só dos professores, mas de todo o profissional que esteja implicado com a educação é, sem dúvida, uma prática pedagógica adequada é necessária para alcançá-la. (PAULON, FREITAS, E PINHO, 2005, p. 9):

É também importante lembrar que da mesma forma que nossos filhos são únicos e diferentes, os professores também o são. Estes também são seres humanos. Portanto, nenhum conjunto isolado de diretrizes e sugestões funcionará para todos os professores e com todas as crianças autistas. Isso é uma questão de comodidade, personalidade e ajuste. Às vezes, há necessidade de se tentar várias intervenções diferentes antes de se conseguir algum sucesso.

A criança autista pode provocar a falência emocional da família. Por causa da incapacidade da criança autista de se ajustar às expectativas do pai, da mãe, dos irmãos a um comportamento adequado, a criança forma um laço pai/mãe/filho muito especial e entra em frequente conflito com os irmãos. Os irmãos das crianças autistas logo ficam cientes de que esta criança concentra mais atenção negativa dos pais que qualquer um. As reações dos irmãos podem variar. Alguns reagem com raiva e frustração, pois o irmão autista é culpado por eles serem dispensados de atividades como passeios; o autista tem mais oportunidades de



ganhar recompensas pelo bom comportamento que rotineiramente se espera dos irmãos sem recompensa.

As dificuldades das crianças com algum transtorno do desenvolvimento podem ser consideradas como um estressor apenas em potencial, podendo esses pais sofrer ou não efeitos de um estresse real. O impacto das dificuldades próprias da síndrome sobre os pais vai depender de uma complexa interação entre a severidade das características próprias da criança e a personalidade dos pais, bem como a disponibilidade de recursos comunitários. (SCHIMIDT E BOSA, 2003, p. 72)

O problema dos autistas transforma-se em uma faca de dois gumes em relação aos irmãos; por um lado, os irmãos podem ficar com ciúmes e com raiva e, contudo, apresentarem interesse velado em preservar o estado desta criança autista. Assim, a criança autista, transforma-se no “bode expiatório”. Ele pode levar a culpa por tudo. O que mais preocupa, entretanto, é o impacto negativo potencial que o autismo pode ter, a longo prazo, sobre as relações dos irmãos.

O comportamento autista pode desestabilizar a relação do casal, que deve procurar administrar, em conjunto, os desvios comportamentais apresentados pelo filho, pois as discórdias do casal têm repercussão negativa relevante sobre o comportamento emocional da criança, o que agrava o autismo. A vida doméstica se torna mais difícil, os encontros não mais denotam prazer, mas justamente o oposto, ou seja, o desprazer. A vida do casal se altera, comprometendo também a sua relação afetiva e sexual, em particular. Os horários das refeições tornam-se desgastantes, quando, na realidade deveriam ter clima tranquilo, com momentos de descontração e prazer para integrar a família. Acontece exatamente o contrário, pois nestas horas é que os ânimos ficam acirrados, tornando mais evidentes as cobranças e discussões.

Fazer “vista grossa”, torna-se a principal estratégia dos pais. Após repetidas tentativas fracassadas de passeios, ou idas em locais que exigem postura, os pais optam pelo isolamento e segregação como meio de evitar mais problemas. Embora a curto prazo esta possa ser uma intervenção eficaz, a longo prazo isso separa ainda mais a família do necessário apoio da comunidade, afeta os irmãos da criança autista e provavelmente não exerce uma diferença positiva.

Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada. Essas crianças já começam sua vida escolar com diagnóstico, e as estratégias individualizadas vão

surgindo naturalmente. Muitas vezes, elas apresentam atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais especializados e individualizados. (SILVA, 2012, p. 109)

É justo dizer que a criança autista se torna o problema da família. Em famílias com mais de uma criança autista, o impacto é ainda maior. Em famílias nas quais o temperamento dos pais e da criança não se engrenam, os problemas podem se intensificar. As repetidas tentativas fracassadas dos pais de disciplinar a criança autista têm um impacto significativo em seu relacionamento. Frequentemente, muitos pais estão sobrecarregados pelas exigências diárias para cuidar da criança autista que sobra pouco tempo para o divertimento ou prazer. A criança é vista como um fardo e como uma responsabilidade injusta. Os pais ficam irritados, frustrados e muitas vezes, intolerantes.

Como qualquer problema, certas informações e ideias que os pais têm são errôneas e podem intensificar e não solucionar o problema. Quando começam a reconhecer que seu filho autista é diferente, os pais tendem a formular uma ideia ou outra: ou consideram-se normais e o filho doente, ou consideram a si mesmo inaptos ou inadequados. Ambos os extremos podem ser igualmente prejudiciais e retardar a orientação eficaz da criança autista.

Concepções erradas como de não ser uma boa mãe, culpa de ser tão autoritários ou tão permissivos, culpa dos outros ou até mesmo um mau “carma”, fazem parte da rotina dos pais de crianças autistas.

#### **4. Considerações finais**

Temos que os distúrbios e as dificuldades de aprendizagem são elementos complexos e de difícil percepção pelos educadores, pois por trás deles estão presentes características típicas apresentadas pelos alunos no decorrer da aprendizagem em uma sala de aula. Mas, caso estas características sejam manifestadas de forma frequente sem que haja nenhum ou mesmo pouco avanço no desenvolvimento do aluno, é preciso que o educador fique mais atento às atitudes da criança, e se perceber algum indício comunique a equipe pedagógica e à família para que sejam tomadas as devidas providências.

Ao buscarmos estudar o autismo, é possível observar alterações no seu processo afetivo, onde nas interações com o meio, por exemplo, no brincar e no falar a criança apresenta dificuldade mostrando-se muitas vezes aos olhos dos outros como tímida ou arrogante. O seu



comportamento acaba por interferir no seu desenvolvimento e prejudica as suas relações com o meio social em que se encontra inserida. Um dos motivos mais relevantes é a falta de informação, que contribui para a exclusão. Há milhões de vidas que estão sendo desprezadas, privadas de novos conhecimentos e das relações sociais.

Na nossa sociedade, para que se desenvolva não precisa somente de riquezas, mas sim que sejam capazes de transformar dificuldades em desafios, seus ideais em projetos; e que em cima de cada projeto busque resultados. A necessidade de um ensino de qualidade para todos impõe uma forma de atuação diferenciada por parte daqueles que trabalham no campo da educação.

Na escola, busca-se a quebra de preconceitos é o ponto de partida para a implantação de uma escola inclusiva, devendo objetivar o rompimento do modelo discriminatório e excludente. Para tanto, a colaboração e a cooperação devem estar presentes entre todos os participantes do processo educacional, onde professores, pais, alunos, diretores, coordenadores e a comunidade devem mudar seus papéis, se tornando responsáveis por uma ambiente mais flexível. Como toda construção, o processo de Educação Inclusiva deve ser gradativo, pois é necessário o posicionamento dos educadores quanto à necessidade de se construir uma política educacional voltada para a inclusão de todos aqueles que são portadores de Necessidades Especiais.

Na escola, o aluno traz consigo todo um histórico da vida, às vezes satisfatório às vezes não, muitos não tem uma base a qual se apoiar, uma estrutura a seguir, diante disso cabe ao educador proporcionar-lhe esta oportunidade motivando-o a buscar novos horizontes, levantar sua autoestima, onde mesmo diante das dificuldades de aprendizagem, se faz necessária a adoção de estratégias de trabalho diferenciadas, a fim de que os alunos tenham a possibilidade de com condições diferenciadas e estratégias direcionadas às suas necessidades tenham efeitos positivos no processo educacional inclusivo.

Porém para que o educador seja motivador e uma aprendizagem é preciso que ele próprio esteja preparando para isto, devendo se especializar continuamente ampliando seus conhecimentos adquirindo informações das demais áreas voltadas ao desenvolvimento do ser humano, suas dificuldades e necessidades, desta forma estará apto a atuar para contribuir com o crescimento do aluno e não simplesmente transmitir na aprendizagem e no desenvolvimento do aluno, no entanto, vale ressaltar que, para ensinar melhor é preciso aprender sempre.

Tem-se que os métodos atualizados, estimulantes prazerosos, novas estratégias dinâmicas tem de ser estudadas e aperfeiçoadas. Não podemos parar no tempo achando que sabemos



tudo, afinal, a maioria dos alunos oriundos de famílias desestruturadas ou de situação financeira precária, se apoiam e se espelham nos professores, portanto, como motivá-los a buscar conhecimentos qualidade de vida, melhorias se nos mesmos estamos parados no tempo ensinando forma de tempos passados. A mudança é precisa, pois as pessoas já não são as mesmas o mundo já não é o mesmo e o mercado trabalha esta exigindo pessoas que sejam realmente capacitadas que estejam dispostas a estudarem e a renovarem sempre, a uma questão mal resolvida durante a infância ou adolescência irá refletir negativamente e desenvolvimento a criança esteja cercada de afetividade, motivação e estímulo ambientes saudios, independente das suas condições econômicas, pois amor, carinho, honestidade e afeto não se compram, vem de dentro de cada um e deixa a vida mais agradável, mais feliz, mais rica, favorecendo a socialização.

Desta forma, pode-se dizer que a sala de aula é um local de inclusão de todos aqueles que são alvo de exclusão, por isso, todos devemos praticar o respeito e a tolerância, esta que só vai nascer quando entendermos que normal é ser diferente.

É preciso conscientizar as pessoas que se consideram “normais” que uma nação se constrói com todos os cidadãos, e que as pessoas com deficiência também fazem parte de um país e têm objetivos comuns: viver, trabalhar, se organizar em defesa de suas ideias, de seus direitos sociais e políticos.

## REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice & CALLIAS, Maria. **Autismo**: breve revisão de diferentes abordagens. Psicologia, Reflexão e Crítica. 2010.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS / Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

LAMPREIA, C. **A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo**. Estudos de Psicologia, Campinas, v.24, p.105-114, 2007.

LAZNIK, Marie-Christine. **A voz da sereia**: O autismo e os impasses na constituição do sujeito. Salvador: Ágalma, 2004.

PAULON, S. M; FREITAS, L. B. L.; PINHO, G. S. **Documento subsidiário à política de inclusão** – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

SCHIMIDT, C; BOSA, C. **A investigação do impacto do autismo na família**: revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. Interação em Psicologia, v. 7, n. 2, 2003.



SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

WILLIAMS, C., WRIGHT, B. **Convivendo com autismo e síndrome de asperger**: estratégias práticas para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

VICARI, M. I. **Melhorando a atenção e controlando a agitação**. São Paulo, Thot, 2006.